

PESQUISAS NO CAMPO DE ESTUDOS DAS RELIGIÕES ENTREVISTA COM SILVIA FERNANDES

Lara Bonini *
Thaís Serafim **

Silvia Regina Alves Fernandes é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (1996), mestre (1999) e doutora (2004) em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-doutorado realizado na Universidade da Flórida, Estados Unidos (2013), e pesquisadora Sênior/CAPES no 'Center For Latin American Studies and Department of Religion' (2013-2014). Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e líder do grupo de pesquisa 'Dinâmicas Territoriais, Cultura e Religião'.

Autora dos livros "Jovens religiosos e o catolicismo: escolhas, desafios e subjetividades" (2010) e "Novas Formas de Crer-católicos, evangélicos e sem-religião nas cidades" (2009), e organizadora das obras "Direitos Humanos e Assistência Religiosa no Sistema Socioeducativo: desafios formativos" (2010), "Mudança de religião no Brasil: desvendando sentidos e motivações" (2006), "Catolicismo e Experiência Religiosa no Piauí" (2005), "O padre no Brasil: interpelações, dilemas e esperanças" (2005), "Desafios do Catolicismo na Cidade" (2002), além de vasta produção de capítulos de livros e artigos científicos.

A entrevista gentilmente cedida pela pesquisadora Silvia Fernandes, foi realizada na Universidade Estadual do Paraná, campus de Campo Mourão, e aborda temáticas relacionadas às experiências de pesquisa, ao campo de estudos das religiões, juventude e estudos transnacionais.

Conte-nos um pouco a respeito da sua formação, e quais as motivações ao pesquisar sobre o campo religioso, temática presente desde sua graduação.

Silvia Fernandes: Essa coisa da construção da trajetória, a partir da fala, para mim é curioso. Você verbalizar aquilo que é uma experiência vivida, como é que você constrói isso, mas vamos tentar. Quando eu fui fazer uma apresentação do meu livro "Jovens religiosos e o catolicismo - escolhas, desafios e subjetividades", eu pensava exatamente sobre isso: o que tinha me levado a fazer uma tese de doutorado sobre jovens motivados ao ingresso na vida religiosa? E claro, eu fiz uso do Weber para dizer que somos movidos pelos interesses. Um conjunto de interesses que nos

levam para determinadas escolhas de objetos de pesquisa. O grande desafio é você conseguir fazer com que seus interesses não sejam enviesados a ponto de interferirem no seu processo produtivo, na produção do conhecimento, mas a rigor ninguém pode negar os próprios interesses. Então pensando nisso, é claro que fica óbvio para mim, eu venho de uma família extremamente católica, que tem uma história familiar de dois irmãos que se interessam pela vida religiosa, minha irmã vai para um convento e meu irmão para um seminário e então eu me perguntava: o que está acontecendo, está todo mundo entrando para essas instituições? Porque é uma discussão sobre instituições. Isso foi, de certa maneira, o pano de fundo para o meu interesse em estudar o campo religioso. Sendo natural de um município pequeno - Italva/RJ, nós tínhamos um tipo de religiosidade muito forte, que os pais levam as crianças muito cedo para a religião, se faz primeira comunhão muito cedo, então o meu interesse pela religião vem desde muito pequena. É claro que a partir do momento que você vê a religião como um fenômeno social muda também, naturalmente, a sua maneira de se relacionar com a religião do ponto de vista pessoal. Você estuda isso e ao mesmo tempo, você se relaciona com isso, e a produção do conhecimento sobre esse fenômeno social afeta também a sua maneira de aderir à religião, pois novas questões se colocam para você como indivíduo e não só como pesquisador da religião. Eu começo na graduação estudando a Renovação Carismática, por que a minha professora Cecília Mariz, me introduz na pesquisa/campo da religião, ela estava desenvolvendo uma pesquisa e precisava de alguém que fizesse entrevistas com pessoas que se inserem em grupos carismáticos. Eu iniciei as entrevistas, eu não era da Renovação Carismática, mas eu tinha contato com pessoas, e me intrigava muito essa nova maneira da Igreja Católica se apresentar. Isso eu estou falando da década de noventa e para mim era estranho, porque eu pensava: no que a Renovação Carismática se assemelha à Igreja evangélica? Porque eles têm esse jeito de cantar e se abraçar? Esse cultivo de uma emoção muito privada, dentro de um contexto muito coletivo, muito ritualístico que é a missa (dentro da missa você chora, bate palma, etc). Eu vinha de uma diocese - eu participava quando criança - profundamente tradicionalista que não aceitava as Renovações (isso em 1975), eu me lembro muito bem, de chegar na igreja (lá pelos meus sete anos) e o padre estar rezando a missa em latim e de costas, e a gente sabia as respostas em latim (meio que decoradas), a gente falava o que todo mundo falava. Então você imagina, era

bem difícil você sair de uma diocese tradicionalista, eu já jovem trabalhando/estudando no Rio de Janeiro, eu estranhava. Eu também tenho uma trajetória pessoal que me colocou junto de grupos que estudam e participam de comunidade eclesial de base. Eu não participo efetivamente, mas me relaciono com amigos que participavam e que eram também da Pastoral da Juventude e que tinham toda uma percepção de igreja inserida na política, de uma juventude que achava que ia mudar o mundo pela política. Muitos dos meus amigos eram filiados ao Partido dos Trabalhadores e havia uma utopia de mudança pela via religiosa também. Eu estou nesse tema, não filiada a nenhum partido, mas de certa maneira interagindo com pessoas com essa percepção de fé e vida pelo movimento carismático, depois a gente vai questionar isso pela literatura, mas em um certo momento fé e vida é você ler a bíblia dentro de uma perspectiva política e fazer mudança social, então a gente tem esse tipo de utopia.

Suas pesquisas enveredam por caminhos que cruzam as diferentes questões institucionais do catolicismo. Nesse sentido, como a Renovação Carismática Católica (RCC) e a Fraternidade Toca de Assis são visualizadas, enquanto movimentos institucionalizados da Igreja Católica?

Silvia Fernandes: Eu começo pelo catolicismo, depois que eu vou ampliando para o campo religioso brasileiro, pensando no cristianismo mais diretamente falando, tanto de religiões neopentecostais e pentecostais dessa expansão das igrejas, quanto à própria renovação do catolicismo. Quer dizer, são os catolicismos porque as pessoas têm diversas maneiras de se inserir na Igreja Católica, de se sentir participante. Se você quiser pegar só o catolicismo na sua trajetória você vai pesquisar muita coisa, tem um grande campo de investigação: a vida sagrada dentro do catolicismo, a própria juventude, os grupos carismáticos, a própria hierarquia, as subculturas institucionais. Por exemplo, uma coisa é você olhar o que é a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), outra coisa é você olhar os pequenos grupos que se articulam e opinam nessa grande discussão, nessa grande conferência que é a CNBB do ponto de vista das lideranças. Outra coisa é você olhar a adesão dos fiéis, como se inserem na igreja, os conflitos, por exemplo, as controvérsias que existem. Recentemente a gente teve a questão do aborto, toda a polêmica que gerou, sobretudo pela questão da laicidade. Em que medida o Brasil, que tem o catolicismo como sua religião fundante, estabeleceu e estabelece relações com o Estado, e como essas mediações se dão, que controvérsias são

geradas através disso, então eu diria: se você olhar o catolicismo, você vai saber que tem a Igreja Católica, e instituições, e grupos que estão formatando o que a gente chama de catolicismo. Sobre a Renovação Carismática é muito diferente, mas ao mesmo tempo demarca uma identidade muito católica. Até mesmo para garantir uma certa legitimidade dentro da instituição, já que eles eram tão parecidos, tinham traços com o pentecostalismo, era importante eles manterem um pouco dessa identidade católica, isso é uma coisa que se você acompanha, faz parte da trajetória da Renovação. “Somos católicos, temos um papa, sou feliz por ser católico” - o padre Marcelo Rossi traz esse *slogan*. É importante afirmar a identidade católica quando a maneira de se relacionar com a instituição lembra um pouco o que vinha do pentecostalismo. E claro, o grande diferencial da Igreja Católica com as igrejas protestantes é a não segmentação. Quando a Igreja Católica experimenta um novo tipo de movimento dentro dela, que eventualmente possa gerar algum tipo de cisma, ela absorve e não vai ter a segmentação. Não tem a Igreja Católica x, a, b, c ou d, ela tem essa habilidade institucional de lidar com aquilo que diverge das normas e orientações oficiais, e institucionalmente usa algumas estratégias e mecanismos de controle. Então a Renovação Carismática já é bem aceita dentro da igreja, mas para ela chegar onde chegou hoje, ela recebeu um conjunto de orientações. Na década de noventa tem um documento que saiu da CNBB que o título é: “Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática no Brasil”¹, e aí você lê, “não pode fazer isso, não pode falar em língua, não pode batismo no espírito”, porque as pessoas já eram batizadas e isso criava um certo mal-estar. E esse estudo das novas tendências dentro da Igreja Católica, isso me persegue um pouco. Recentemente nós concluímos a pesquisa sobre a Toca de Assis², também de inspiração carismática, mas ao mesmo tempo com uma conotação diferente porque eles não se afirmam carismáticos, apesar da inspiração que vem da Renovação de lidar com a religião. Mais recentemente eles se firmam como instituição dos “Filhos e filhas da pobreza”, o que era um movimento fundado por um Padre dissidente da congregação, vira um instituto religioso, com regras, convenções normais da congregação. Então mais uma vez a Toca de Assis é um exemplo disso, de como determinados carismas que aparecem dentro da instituição são rapidamente burocratizados e formalizados para que a instituição consiga dar conta do que seria um movimento mais dissidente. Lembro no início que a Toca de Assis também recebeu muitas críticas institucionais: que os jovens entravam muito novos e tinha

um nível de radicalidade muito forte, eles ficavam doentes porque ficavam muito tempo ajoelhados, além disso, tinha a questão de saúde pública, porque eles cuidavam e lidavam com população de rua, sem se cuidar, não usavam luvas, estavam expostos a qualquer tipo de doença. Então isso assusta a instituição, vamos organizar tudo isso, cadê o bispo responsável por esse grupo, quem é que vai acompanhar, e hoje a Toca de Assis tem outra configuração, eles dizem que no início foi assim, mas que hoje aprenderam, pois “a igreja é a nossa mãe, a igreja nos orientou”, então rapidamente tem essa adesão institucional.

Como foi sua experiência de atuação no CERIS - Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais?

Silvia Fernandes: Minha experiência de trabalho, antes da universidade ainda, foi no CERIS (Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais), uma experiência de sete anos com pesquisas em religião. O CERIS tinha uma certa autonomia de propor que tipo de fenômeno queria estudar no cenário religioso brasileiro, embora ele fosse um órgão que se autodenominava órgão anexo da CNBB, ele tinha um estatuto, era um órgão da Conferência dos bispos, na década de sessenta, justamente num período de forte urbanização ainda no Brasil. A Igreja Católica experimentando o processo de urbanização e as consequências dele dentro das paróquias, muita gente imigrava do campo para a cidade, e enfrentava um certo desamparo na cidade. Então tinha uma preocupação da igreja em como lidar com o mundo urbano, então você escuta falar dentro da Igreja Católica de ‘pastoral urbana’, o que é? É conseguir entender o que está acontecendo no cenário urbano e atuar nesse cenário como igreja, e já tinha todo aquele ar, provavelmente final dos anos 1960, fechando com o final do II Concílio do Vaticano. E o CERIS é fundado neste período, por um bispo que era Sociólogo, D. Afonso Grégori. Então quando eu entro no CERIS em 1999, já era uma instituição antiga, já tinham passado pessoas interessantíssimas do campo da Sociologia da Religião como o Pedro Ribeiro de Oliveira que é uma referência até hoje, o professor Rogério Vale que depois migra para área mais específica da Sociologia do Trabalho e várias pessoas passam pela instituição e dão contribuições importantes para estudar a religião no cenário da cidade. Nos sete anos de trabalho no CERIS, a gente fez várias pesquisas, relacionadas com interesse e solicitação da CNBB por vezes, como no caso daquela pesquisa que resultou no livro intitulado “Mudança de religião no Brasil:

desvendando sentidos e motivações”. Essa pesquisa foi muito importante por ter me apresentado essa questão da motivação do indivíduo para sair ou entrar no catolicismo, e aí já estamos falando de períodos mais recentes, e antes a gente fez uma pesquisa também muito importante chamada “Desafios do catolicismo na cidade”, essa foi uma pesquisa em seis grandes regiões metropolitanas brasileiras, para olhar também a diversidade de crenças e práticas, o que as pessoas fazem no catolicismo. Eu não projetei essa pesquisa, quando entrei no CERIS ela já estava em desenvolvimento, tinha a Andreia Damacena que atualmente é uma pesquisadora que vive fora do Brasil, também a Cátia Medeiros e mais um conjunto de pesquisadores. E quando eu entrei, essa pesquisa já estava em fase de conclusão de coleta e a gente tem então a possibilidade de ler e interpretar os dados, e resultou nesse livro com o Luis Alberto Gomes de Souza, que era diretor do CERIS. E a gente organizou o livro que é um marco para mim nos estudos do catolicismo urbano, não temos muitas referências depois desse livro, em relação às *surveys* e estudos quantitativos. O CERIS possibilita não só pensar o fenômeno urbano religioso, como também me especializar nas metodologias do trabalho de pesquisa, por exemplo, a gente teve um estudo bem interessante que estava relacionado com um projeto que a gente chamava de diagnóstico de bairro. Uma ONG (Organização não governamental) no bairro de Santa Teresa - RJ solicita ao CERIS um diagnóstico de bairro para trabalhar com desenvolvimento local. A gente faz um estudo bem interessante buscando várias metodologias de trabalho, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo, para chegar a um diagnóstico de como é o bairro de Santa Tereza, e como que esse bairro pode se fortalecer do ponto de vista do desenvolvimento, seja no campo da política, da saúde, de várias esferas que a gente analisou. No início dos anos 2000 o CERIS, como em várias ONGs no Brasil, começa a ter um problema com financiamento, porque a cooperação internacional, que era uma rede de agências que apoiavam instituições como o CERIS no Brasil, alega que os recursos estão escassos, e que iriam começar a apoiar mais projetos na África. E isso, de certa maneira, me fez pensar na possibilidade de ingressar na universidade como outro espaço de produção, isso eu estava terminando o doutorado em 2004, e até então eu estava na universidade me formando (graduação, mestrado e doutorado), mas do ponto de vista de trabalho eu estava no CERIS, com esse cenário eu começo a pensar em ir para universidade.

Então as perspectivas de pesquisa e de atuação no CERIS se consolidam na Universidade?

Silvia Fernandes: Em 2005 eu faço concurso e começo a dar aula em 2006, minha trajetória na universidade, do ponto de vista de trabalho é recente. Claro, ao entrar na universidade vou pensando em novos objetos de pesquisa, reunindo a experiência anterior, do que se colocava como desafios. Eu já tinha concluído a tese sobre juventude católica, então eu resolvo ampliar os estudos da juventude com outras esferas como a política, que é o que a gente vem fazendo desde 2007. É interessante pensar que a experiência de doutorado e mestrado me aproximou muito das congregações religiosas católicas, porque eu faço estudo sobre freiras no mestrado e até hoje eu tenho essa relação com as congregações. Já fiz avaliações institucionais bem interessantes, como por exemplo, “Os Oblatos”, que é um grupo masculino de padres que pediram uma avaliação há pouco tempo, também fiz uma com o pessoal de um antigo colégio do Rio de Janeiro chamado “Assunção”. Então frequentemente eu estou em contato com grupos de padres e congregações masculinas e femininas seja para assessoria ou palestra, reordenamento no planejamento deles, do ponto de vista da própria inserção de onde eles estão. Eu transito muito em um universo que eu diria que é acadêmico e institucional na perspectiva da Igreja Católica, eu transito muito por estes dois campos. É uma trajetória que vem se consolidando basicamente dentro dessas duas grandes linhas. A experiência internacional começa pelo contato do CERIS e vai se consolidando a partir da universidade, por exemplo em 2011 eu já estava na universidade e eu vou para Alemanha em razão de um contato anterior do CERIS, então tem um conjunto de experiências internacionais do ponto de vista do trabalho que se fortalecem na universidade, mas que foram construídas antes.

Tendo em vista a realização do seu pós-doc na Universidade da Flórida, como você avalia as discussões feitas nos EUA e no Brasil sobre a religião? Quais aspectos e diferenças contextuais ficaram mais visíveis no desenvolvimento de seu trabalho?

Silvia Fernandes: No pós-doutorado eu concentrei na tentativa de comparação entre a produção científica sobre juventude e religião nos Estados Unidos, pensando na perspectiva católica inicialmente. Eu queria pesquisarsobre a questão da Renovação Carismática nos Estados Unidos e os jovens que estavam inseridos. Como os grupos carismáticos se apresentavam no país onde nasce a Renovação

Carismática, na década de sessenta. E eu queria estabelecer alguns pontos de comparação como: será que os jovens que estão participando do movimento carismático lá têm questões e rituais parecidos com os nossos, no Brasil? E como é a produção lá, já que os Estados Unidos é um país bem protestante, bem diferente do nosso aqui. E na formatação do meu projeto eu não encontrava muita bibliografia, quase nada para ser sincera, que comparasse Brasil e Estados Unidos, do ponto de vista da religião, e isso me chama a atenção, essa falta de comparação entre esses dois países sobre o fenômeno religioso. E eu tinha uma hipótese que, do ponto de vista de religião predominante, nós temos religiões predominantes diferentes, aqui é o catolicismo e lá é o protestantismo, mas eles têm também uma diversificação de todo o movimento pentecostal, os chamados “Revivers”. Meu projeto tem dois olhares, um sobre a produção dos pesquisadores norte-americanos em relação ao jovem com a religião, e dentro disso afunilando ainda mais para o movimento carismático, e por outro lado a própria experiência juvenil, qual o perfil dos jovens norte-americanos inseridos na Renovação Carismática, se estão interessados em política ou não. A Renovação aqui no Brasil, sofreu muita crítica (talvez hoje menos), em razão dela ser mais voltada para o que seria uma dimensão espiritual e menos da política, tanto que para combater essas críticas ela acaba criando ministérios da política, assim como tinha fé e política na Pastoral da Juventude. Então essa era uma das minhas questões-problema, e quando eu começo a levantar essa bibliografia eu identifico claramente quais tendências aparecem nessa produção norte-americana. Primeiro porque você tem muitos estudos de pesquisadores vinculados às universidades católicas, então essa foi a primeira constatação levantada e outra que me surpreendeu, não só a mim, mas também ao meu colaborador na Universidade da Flórida, o Prof. Emanuel Vasques, era que a abordagem vinha muito da Psicologia, então se você jogasse numa busca: juventude e religião, quem estava pesquisando? O pessoal da Psicologia. Tentando olhar a interferência da religião nos processos de desenvolvimento juvenil, a relação entre adolescência, juventude e religião. Primeiro que eu tive que incluir na busca o termo adolescência, porque se eu fosse só pela categoria juventude eu não achava nada. Por isso esse acento muito forte na Psicologia, muita produção do adolescente com a questão do desenvolvimento psicológico. Por exemplo, as pesquisas que a gente faz aqui no Brasil sobre universitários e religião, nos Estados Unidos também há, mas acho que a gente tem mais produção que eles, pelo que

pude perceber. Foquei minha busca de pesquisas em periódicos, nas bases da biblioteca que a Universidade da Florida oferecia, fiz um trabalho minucioso em cima dessas bases. Eu fiquei cinco meses no pós-doc fazendo o trabalho de levantamento bibliográfico. E na pesquisa em campo, pesquisei especificamente os jovens universitários, porém foi exploratório de um ano, então ainda não posso falar com propriedade sobre os jovens norte-americanos. Acho que a experiência do campo é uma experiência muito incipiente ainda, mas claro que estamos abrindo convênios para tentar trabalhar juntos. Tentar juntar o departamento de religião do “Center For Latin American Studies and Department of Religion”, na Universidade da Flórida, e a gente está organizando a Conferência anual de religião para 2017, então vamos trazer pesquisadores de diferentes lugares e religiões e eu vou apresentar um painel sobre juventude e religião. Essa parceria com o Centro vai permitir que se explore mais essa perspectiva, que ficou esboçada como um problema de pesquisa no meu pós-doc. Então eu entrevisto os jovens que estão na Universidade da Flórida e que participam do Centro Católico da Paróquia de Santo Agostinho que fica na cidade de Gainesville, e faço o trabalho de campo, indagando como eles formatam suas palestras, que tema eles trabalham. E uma conclusão que a gente chegou é que há uma grande diferença na maneira de se expressar. O que aqui no Brasil a dimensão corporal no rito (o toque, o abraço, o choro) é bem evidente, a gente não observa lá nesse pequeno grupo que tive contato. Eles são espiritualistas, estão vinculados a tradição da igreja, eles fazem uma coisa que é o “Human Rosary”, que é sair em formato de rosário humano pelas ruas da cidade para divulgar o terço com uma maneira de devoção. Então esses jovens têm toda uma relação com o catolicismo mais tradicional, como a Renovação Carismática também, e muitos desses jovens são da Renovação, mas do ponto de vista da expressão da religião eles são bastante reservados. O que eu imagino a partir do campo, mas que eu não tive tempo de explorar é que isso seja uma questão cultural, e talvez por serem jovens universitários norte-americanos. Porque aqui no Brasil mesmo sendo jovens universitários oriundos da Renovação Carismática, eles têm essa expressividade, então a gente pode dizer que a racionalização que a universidade dá, não retira dos jovens carismáticos do Brasil aquilo que seria próprio da expressão carismática aqui, então no Brasil isso não tem nenhuma interferência da universidade. Nos Estados Unidos pode ser que tenha, então é uma coisa que é para investigar. Quando eu olho os jovens latinos que vivem nos EUA e que são da Renovação Carismática,

eles já têm um outro perfil, que é mais próximo com o perfil daqui. Então quando você for olhar os jovens americanos, você também tem que fazer um recorte no que se refere a origem familiar e cultural, e imagino que tenham diferenças regionais importantes.

E a partir da sua experiência de pesquisa no exterior, quais os principais ganhos significativos em seu caminho enquanto pesquisadora do campo das ciências da religião?

Silvia Fernandes: Eu digo que o período do pós-doc foi interessante primeiro para ampliar, eu sempre acho que olhar o outro ajuda a gente a entender a gente mesmo. Então estudar o catolicismo no Brasil, o fenômeno religioso no Brasil e a sua relação com o ordinário da vida, pois quem estuda religião do ponto de vista científico, jamais está estudando religião pela religião, a estuda para entender a relação com a vida ordinária e que sentido essa variável vai nos permitir fazer relação com a modernidade e outros campos. Então é um grande equívoco quando alunos vem para um grupo de pesquisa como acontece na UFRRJ: “ah tem uma professora que estuda religião e eu sou religiosa vou para o grupo dela”, e quando entra toma um susto, porque não tem ninguém fazendo apologia à religião, tentando entender a religião como um fenômeno importante na vida social. E quem estuda a religião no Brasil e olha só a religião no Brasil, já teria, como diz meu colaborador Manuel Vasques da Universidade da Flórida, um campo vastíssimo de investigação. Mas nesse momento da minha vida acadêmica eu senti necessidade de olhar de fora, o de fora para entender melhor o de dentro. E entender como esse mesmo fenômeno orienta e organiza a vida social em outros países, então estou muito interessada nos estudos transnacionais. Para América Latina eu também tenho o interesse em fazer algum estudo comparado com países da América do Sul, então tem que expandir, estudar só olhando para gente mesmo é muito complicado às vezes. É claro que tem campo, mas por outro lado, é como o pintor: ele só vai enxergar melhor a própria tela quando se afastar dela, colocar distância para enxergar melhor. É o que me interessava no pós-doc, a gente está estudando a mesma coisa há anos, inserida no campo religioso brasileiro, e dando as mesmas explicações para esses fenômenos, que mudam. O que são os sem religiões no Brasil? Como é a expansão do budismo no Brasil? Por exemplo, como a gente está lendo isso e daí a gente fala de modernidade, de individualismo na cultura, e será que são só essas chaves explicativas? Por isso quis ir para fora, olhar o que os pesquisadores estavam

produzindo lá, para ver quais chaves explicativas eles também estão trazendo. E a gente encontra muita coisa interessante, como o trabalho de uma pesquisadora da Inglaterra, que tem uma produção interessante de estudos da religião nos Estados Unidos, ela chama a atenção para a dimensão da localidade e da materialidade dos estudos da religião com o espaço, e se você olha no Brasil, por exemplo, que eu discuto um pouco no capítulo do livro sobre religião no censo – organizado pelo Faustino Teixeira e Renata Menezes –, que é o fato das pessoas se deslocarem, mudarem de localidade, como isso altera o cotidiano da vida, nessa materialidade, a ponto deles mudarem de religião. É um pouco diferente do que estava sendo dito na década de setenta, quando você tinha um processo imigratório que a explicação para expansão do pentecostalismo e evasão de fiéis do catolicismo. Então você tem um sujeito que vem da cidade pequena para os centros urbanos ele se sente deslocado ali, e ele vai encontrar novas formas de sociabilidade, e o pentecostalismo vai responder por isso. Essa é a ligação da religião com o processo de imigração. O que eu estou falando agora é que a gente não tem mais a questão da imigração, agente não tem mais o *boom* da imigração. Hoje em dia as pessoas estão mais assentadas em suas cidades, porque o processo de urbanização avança e ele também incorpora as cidades de pequeno e médio porte e em algumas regiões isso tem maior intensidade. Não estou dizendo que as pessoas mudam de cidade e mudam de religião, mas é uma das chaves explicativas, de que a mudança espacial altera os modos de vida. Eu tenho essa inquietação, porque a gente sempre atribui à modernidade e a individualidade? Eu estou perseguindo e acho importante não se conformar com as chaves teóricas que a gente herdou de outros pesquisadores, mas também como a gente constrói as nossas e como os outros nos inspiram a construir as nossas. A gente se lê pouco também eu acho, é curioso como muitos pesquisadores estudam coisas parecidas com o que você está estudando e não leu absolutamente nada do que você escreveu e vice e versa. Esse é um cuidado muito importante que temos que ter.

Sobre a discussão que trata da relação entre juventude e religião. Atualmente os dados dos censos demográficos demonstram um crescimento expressivo da categoria sem religião, principalmente no segmento juvenil. A que você atribui tal fenômeno?

Silvia Fernandes: Pois é, a gente tem poucas explicações para esse fenômeno, o fato da gente ter essa intensificação dos sem religião no Brasil ainda suscita mais

perguntas do que respostas. Isso vem do censo brasileiro de 2000, a gente ficou dez anos sem saber que isso estava acontecendo e o censo inquieta e traz algumas tentativas de interpretação do fenômeno que começam com os estudos da Regina Novaes, do que ela chama de ventos secularizantes da religião e depois um trabalho bem interessante da Denise Siqueira que estuda pessoas sem religião e ateus também. E as pesquisas que a gente fez, essa também que eu mencionei “Mudança de religião no Brasil”, a gente mapeia os sem religião a partir do censo - em 2006 a gente já tinha os resultados de 2000 do censo IBGE - e a pesquisa grande, pouco divulgada. Em “As novas formas de crer” que a gente mapeia do ponto de vista qualitativo, em profundidade com pessoas sem religião, e esse projeto da pesquisa já era uma tentativa de compreensão desse movimento novo de desvinculação institucional no Brasil, porque o que inspira nesse projeto é que novas expressões de crenças estão aparecendo tanto para pessoas que estão vinculadas institucionalmente, como Assembleia de Deus, Renovação carismática, quanto para pessoas que se declaram sem religião. E a gente encontrou um perfil diferenciado a partir das cidades, os sem religião muito racionais, mas basicamente crentes, poucos ateus no grupo dos sem religião no Brasil e isso nos levou a olhar mais de perto essa questão da juventude, também a partir das bases do censo. Como é que a gente explica isso, o que a gente atribui a esse fenômeno? Um conjunto de hipóteses, mais do que explicações. Uma primeira é que tínhamos mapeado pouco em seguimentos juvenis, em termos de vinculação religiosa. Então isso começa a aparecer mais fortemente agora e essa fase da vida em que o jovem está ali, ou saindo de casa, ou estudando ou constituindo família é um momento que ele parece ter pouco tempo para religião do ponto de vista das igrejas. O indivíduo está se reformatando em diferentes esferas da vida, está definindo família, estudos e trabalho, ele está com os três grandes campos, que ele está consolidando suas experiências. E a pergunta, que é uma hipótese, que lugar que a religião tem na vida desse indivíduo? Ela não parece se colocar como essencial do ponto de vista do vínculo e da frequência. E é muito importante a gente ver se os jovens sem religião, nesse segmento de até 29 anos, está mais presente nas classes populares, esse recorte de classe nos ajuda a entender melhor. Essa também é uma possibilidade interpretativa, porque quando você instiga esses jovens a falarem dessa relação com o campo religião, eles não são sem religião, eles têm religiosidade que eles cultivam, alimentam de alguma forma, mas não do ponto de vista de agregar a vida

dele para além da constituição de família, trabalho e estudo também esse outro campo institucional, porque tanto família, trabalho e estudo vai tomar horas do dia dele, é como numa escala: você tem um monte de dinheiro e de repente fica sem. O que você corta? Não corta a comida né. Você corta outras coisas, a academia, a terapia... Coisas que você consiga viver minimamente sem eles. Parece-me que essa também é uma das possibilidades. Por outro lado há, o que acho que é uma questão de época mais ampla que a questão da contingência, há o que a Regina Novaes chama de espírito de época³, a partir do trabalho do René Decol, que é um demógrafo, que também paradoxalmente demanda vínculos institucionais, porque isso que é preocupante a afirmação de que nós temos desinstitucionalização no Brasil já. Porque você tem a Igreja Universal agora que consegue recrutar naquele projeto “Gladiadores do Altar”⁴, que é um conjunto de jovens que vive experiências radicais, porque eles formam um exército chamado de gladiadores e se você olha, eles estão organizados em fileiras, eles tem uma espécie de marcha, que se você for para Igreja Católica você também vai encontrar mas em proporções e narrativas diferentes, você também tem os “Arautos do Evangelho”⁵, uma juventude que se caracteriza pela roupa e pelo estilo em defesa da fé, esta aí uma boa ideia de pesquisa: pega Gladiadores do Altar e Arautos do Evangelho e olha esses dois grupos como segmentos juvenis. É uma preocupação instigante e desafiadora! Nesse campo interpretativo de olhar os jovens que se vinculam às instituições me parece que tem uma dimensão mais de conjuntura de época, que tem relação com a idade, das relações com a modernidade, que geram um efeito reverso de que já que tenho tantas preocupações, vou em busca de uma instituição que me de segurança, pode ser também uma forma de ser reconhecido, pois na instituição ele se torna alguém. A juventude é sempre vista com uma dimensão de futuro, e essa ideia não pode ser negada, mas eu acho ela absurdamente cruel, porque as gerações anteriores não construíram eventualmente o futuro, o bom futuro que elas cobram da juventude hoje, então é cruel depositar nas costas do jovem de hoje a responsabilidade da construção de um país melhor que não foi construído antes, e no Brasil a gente tem muito isso: o jovem é o futuro do país. É muita responsabilidade você mudar se o que lhe foi herdado não está bom. Eu sempre brinco que a juventude sempre fica na berlinda da sociedade porque poucas pessoas leem jornal no país, e se você vai criticar alguém pela sua desinformação, você critica o jovem, o jovem é desinformado, imagético, não tem interesse pelas

noticiais. E é o contrario, o que vemos nas pesquisas é que ele está muito antenado, sobretudo agora na era da internet, mas de qualquer maneira eles são vistos por determinados segmentos sociais como aquele que sempre precisa de um adulto por perto para impedir que eles façam alguma bobagem. Só que se você pega a maioria da população adulta ela também é desinformada, também não lê jornal, mas se você for comparar, o jovem fica como 'para raio', para o bem ou para o mal ele está sempre ali recebendo qualquer tipo de impacto. Bom, e para compreender o movimento dos sem religião no Brasil nós temos várias hipóteses, pelo fato de termos um pluralismo religioso maior, em que ser sem religião é mais uma possibilidade também, e essa é uma declaração que nos aparece agora, há vinte anos, com maior ênfase, ser sem religião também está dentro das possibilidades e do contexto religioso do país, também é um processo de modernização religiosa do Brasil, então nós temos os sem religião religiosos, mas a gente ainda não sabe muito. Eu gosto de me provocar e provocar as novas gerações de pesquisadores da religião em criar novas chaves explicativas e não se conformar com explicações mais confortáveis eu diria. Por exemplo, quando eu publiquei a tese de doutorado sobre jovens religiosos, católicos, os meninos e as moças que se sentiam motivados a ingressarem nos conventos e seminários hoje, de uma juventude que cresce sem religião... E aí você se depara com jovens, diferentemente de uma desvinculação religiosa, querendo fazer uma experiência mais religiosa, de vinculação religiosa nesse contexto de modernidade, esse jovem quer se contrapor ao que seriam os ideários de modernidade.

Notas

* Lara de Fátima Grigoletto Bonini é mestre pelo PPGSeD – Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campo Mourão – PR. Integrante do Grupo de Pesquisa “Cultura e Relações de Poder”. Graduada em Turismo e Meio Ambiente pela mesma instituição. E-mail: laraboninipr@gmail.com

** Thaís Serafim dos Santos é mestre pelo PPGSeD – Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campo Mourão – PR. Integrante do Grupo de Pesquisa “Cultura e Relações de Poder”. Graduada em Psicologia pela Universidade Paranaense – Unipar, Umuarama/PR. E-mail: serafim_thais@hotmail.com

¹ O documento confeccionado no ano de 1994, por meio de Assembleia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), orienta as diretrizes primordiais da Renovação Carismática Católica (RCC). Disponível em: http://www.cnbb.org.br/documento_geral/LIVRO%2053-.pdf. Acesso em: 24 abr. 2015.

² Para mais informações sobre a Fraternidade Toca de Assis, fundada no Brasil no ano de 1994, conferir <http://tocadeassis.org.br/a-toca>.

³ Cf. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a20v1852.pdf>. Acesso em: 24 de abr. de 2015.

⁴ O projeto "Gladiadores do Altar", da Igreja Universal do Reino de Deus, é destinado ao segmento juvenil, e possui como objetivo o trabalho de evangelização. Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2015/03/08/conheca-o-novo-projeto-gladiadores-do-altar-32332.html>. Acesso em: 24 de abr. de 2015.

⁵ A associação “Arautos do Evangelho”, da Igreja Católica, é composta predominantemente por jovens que dedicam-se ao apostolado e a evangelização. Disponível em: <http://www.arautos.org/view/show/341-arautos-do-evangelho>. Acesso em: 24 de abr. de 2015.

Recebido em: junho de 2015.

Aprovado em: agosto de 2015.